

# Canto ao Homem do Povo Charlie Chaplin

Carlos Drummond de Andrade

## I

Era preciso que um poeta brasileiro,  
não dos maiores, porém dos mais expostos à galbofa,  
girando um pouco em tua atmosfera ou nela aspirando a viver  
como na poética e essencial atmosfera dos sonhos lúcidos,

era preciso que esse pequeno cantor teimoso,  
de ritmos elementares, vindo da cidadezinha do interior  
onde nem sempre se usa gravata mas todos são extremamente polidos  
e a opressão é detestada, se bem que o berroísmo se bambe em ironia,

era preciso que um antigo rapaz de vinte anos,  
preso à tua pantomima por filamentos de ternura e riso dispersos no tempo,

viesses recompô-los e, homem maduro, te visitasse  
para dizer-te algumas coisas, sobcolor de poema.

Para dizer-te como os brasileiros te amam  
e que nisso, como em tudo mais, nossa gente se parece  
com qualquer gente do mundo — inclusive os pequenos judeus  
de bengalim e chapéu-coco, sapatos compridos, olhos melancólicos,

vagabundos que o mundo repeliu, mas zombam e vivem  
nos filmes, nas ruas tortas com tabuletas: Fábrica, Barbeiro, Polícia,  
e vencem a fome, iludem a brutalidade, prolongam o amor  
como um segredo dito no ouvido de um homem do povo caído na rua.

Bem sei que o discurso, acalanto burguês, não te encoidece,  
e costumavas dormir enquanto os veementes inauguram estátua,  
e entre tantas palavras que como carros percorrem as ruas,  
só as mais humildes, de xingamento ou beijo, te penetram.

Não é a saudação dos devotos nem dos partidários que te oferece,  
eles não existem, mas a de homens comuns, numa cidade comum,  
nem faço muita questão da matéria de meu canto ora em torno de ti  
como um ramo de flores absurdas mandado por via postal ao inventor dos jardins.

Falam por mim os que estavam sujeitos de tristeza e feroz desgosto de tudo,  
que entraram no cinema com a aflição de ratos fugindo da vida,  
são duas horas de anestesia, ouçamos um pouco de música,  
visitemos no escuro as imagens — e te descobriram e salvaram-se.

Falam por mim os abandonados de justiça, os simples de coração,  
os párias, os falidos, os mutilados, os deficientes, os recalçados,  
os oprimidos, os solitários, os indecisos, os líricos, os cismarentos,  
os irresponsáveis, os pueris, os cariciosos, os loucos e os patéticos.

E falam as flores que tanto amas quando pisadas,  
falam os tocos de vela, que comes na extrema penúria, falam a mesa, os botões,  
os instrumentos do ofício e as mil coisas aparentemente fechadas,  
cada troço, cada objeto do sítio, quanto mais obscuros mais falam.

## II

A noite bamba tua roupa.  
Mal a disfarças no colete moscado,  
no gelado peitão de baile,  
de um impossível baile sem orquídeas.  
És condenado ao negro. Tuas calças  
confundem-se com a treva. Teus sapatos  
incubados, no escuro do beco,  
são cogumelos noturnos. A quase cartola,  
sol negro, cobre tudo isto, sem raios.  
Assim, noturno cidadão de uma república  
enlutada, surges a nossos olhos  
pessimistas, que te inspecionam e meditam:  
Eis o tenebroso, o viúvo, o inconsolado,  
o corvo, o nuca-mais, o chegado muito tarde  
a um mundo muito velho.

E a lua pouca  
em teu rosto. Branco, de morte caído,  
que sepulchros evoca mas que bustes  
submarinas e algidas e espelbos  
e líricos que o tirano decepou, e faces  
amortalhadas em farinha. O bigode  
negro cresce em ti como um aviso  
e logo se interrompe. É negro, curto,  
espesso. Ó rosto branco, de lunar matéria,  
face cortada em lençol, risco na parede,  
caderno de infância, apenas imagem  
entretanto os olhos são profundos e a boca vem de longe,  
sorriça, experiente, calada vem a boca  
sorrir, aurora, para todos.

E já não sentimos a noite,  
e a morte nos evita, e diminuímos  
como se ao contato de tua bengala mágica voltássemos

ao país secreto onde dormem meninos.  
Já não é o escritório de mil fobias,  
nem a garagem, a universidade, o alarme,  
é realmente a rua abolida, lojas repletas,  
e vamos contigo arrebentar vidraças,  
e vamos jogar o guarda no chão,  
e na pessoa humana vamos redescobrir  
aquele lugar — cuidado! — que atrai os pontapés: sentenças  
de uma justiça não oficial.

## III

Cheio de sugestões alimentícias, matas a fome  
dos que não foram chamados à ceia celeste  
ou industrial. Há ossos, há pudins  
de gelatina e cereja e chocolate e nuvens  
nas dobras de teu casaco. Estão guardados  
para uma criança ou um cão. Pois bem conheces  
a importância da comida, o gosto da carne,  
o cbeiro da sopa, a maciez amarela da batata,  
e sabes a arte sutil de transformar em macarrão  
o humilde cordão de teus sapatos.  
Mais uma vez jantaste: a vida é boa.  
Cabe um cigarro: e o tiras  
da lata de sardinhas.

Não há muitos jantares no mundo, já sabias,  
e os mais belos frangos  
são protegidos em pratos chineses por vidros espessos.  
Há sempre o vidro, e não se quebra,  
há o aço, o amianto, a lei,  
há milícias inteiras protegendo o frango,  
e há uma fome que vem do Canadá, um vento,  
uma voz glacial, um sopro de inverno, uma folha  
baila indecisa e pausa em teu ombro: mensagem pálida  
que mal decifras. Entre o frango e a fome,  
o cristal infrangível. Entre a mão e a fome,  
os valos da lei, as léguas. Então te transformas  
tu mesmo no grande frango assado que flutua  
sobre todas as fomes, no ar; frango de ouro  
e cbama, comida geral  
para o dia geral, que tarda.

## IV

O próprio ano novo tarda. E com ele as amadas.  
No festim solitário teus dons se aguçam.  
Es espiritual e dançarino e fluído,  
mas ninguém virá aqui saber como amas  
com fervor de diamante e delicadeza de alva,  
como, por tua mão, a cabana se faz lua.  
Mundo de neve e sal, de gramofones roucos  
urrrando longe o gozo de que não participas.  
Mundo fechado, que aprisiona as amadas  
e todo desejo, na noite, de comunicação.  
Teu palácio se esvai, lambe-te o sono,  
ninguém te quis, todos possuem,  
tudo buscaste dar, não te tomaram.

Então caminhas no gelo e rondas o grito.  
Mas não tens gula de festa, nem orgulho  
nem ferida nem raiva nem málicia.

És o próprio ano-bom, que te deténs. A casa passa  
correndo, os copos voam,  
os corpos saltam rápido, as amadas  
te procuram na noite... e não te vêem,  
tu pequeno,  
tu simples, tu qualquer.

Ser tão sozinho em meio a tantos ombros,  
andar aos mil num corpo só, franzindo,  
e ter braços enormes sobre as casas,  
ter um pé em Guerrero e outro no Texas,  
falar assim a chinês, a maranhense,  
a russo, a negro: ser um só, de todos,  
sem palavra, sem filtro,  
sem opala:  
há uma cidade em ti, que não sabemos.

## V

Uma cega te ama. Os olhos abrem-se.  
Não, não te ama. Um rico, em alcool,  
é teu amigo e háido repele  
teu riqueza. A confusão é nossa, que esquecemos  
o que há de água, de sopro e de inocência

no fundo de cada um de nós, terrestres. Mas, ó mitos  
que cultuamos, falsos: flores pardas,  
anjos desleais, cofres redondos, arquejos  
poéticos acadêmicos; convenções  
do branco, azul e roxo; maquinismos,  
telegramas em série, e fábricas e fábricas  
e fábricas de lâmpadas, proibições, auroras.  
Ficaste apenas um operário  
comandado pela voz colérica do megafone.  
És parafuso, gesto, esgar.  
Recolbo teus pedaços: ainda vibram,  
lagarto mutilado.

Colo teus pedaços. Unidade  
estranha é a tua, em mundo assim pulverizado.

E nós, que a cada passo nos cobrimos  
e nos despimos e nos mascaravamos,  
mal retemos em ti o mesmo homem,

aprendiz  
bombeiro  
caixeiro  
doceiro  
emigrante  
forçado  
maquinista  
notivo  
patinador  
soldado  
músico  
peregrino  
artista de circo  
marquês  
marinheiro  
carregador de piano

apenas sempre entretanto tu mesmo  
o que não está de acordo e é meigo  
o incapaz de propriedade, o pé  
errante, a estrada  
fugindo, o amigo  
que desejaríamos reter  
na chuveira, no espelho, na memória  
e todavia perdemos.

## VI

Já não penso em ti. Penso no ofício  
a que te entrogas. Estranho relojoeiro,  
cbeiras a peça desmontada: as molas unem-se,  
o tempo anda. És vidraceiro.  
Varres a rua. Não importa  
que o desejo de partir te roa; e a esquina  
faça de ti outro homem; e a lógica  
te afaste de seus frios privilégios.  
Há o trabalho em ti, mas caprichoso,  
mas benigno,  
e dele surgem artes não burguesas,  
produtos de ar e lágrima, indumentos  
que nos dão asa ou pétalas, e trens  
e navios sem aço, onde os amigos  
fazendo roda viajam pelo tempo,  
livros se animam, quadros se conversam,  
e tudo libertado se resolve  
numa efusão de amor sem paga, e riso, e sol.

O ofício, é o ofício  
que assim te põe no meio de nós todos,  
vagabundo entre dois bordários; não sabida  
no bater, no cortar, no fiar, no rebocar,  
o pé insiste em levar-te pelo mundo,  
a mão pega a ferramenta: é uma navalha,  
e ao compasso de Brabms fazes a barba  
neste salão desmemoriado no centro do mundo oprimido  
onde ao fim de tanto silêncio e oco te recobramos.

Foi bom que te calasses.  
Meditavas na sombra das chaves,  
das correntes, das roupas riscadas, das cercas de arame,  
juntavas palavras duras, pedras, cimento, bombas, incoativas,  
anotavas com lápis secreto a morte de mil, a boca sangrenta  
de mil, os braços cruzados de mil.  
E nada dizias. E um bolo, um engulfo  
formando-se. E as palavras subindo.  
O palavras desmoralizadas, entretanto salvas, ditas de novo.  
Poder da voz humana inventando novos vocábulos e dando sopro aos exaustos.  
Dignidade da boca, aberta em ira justa e amor profundo,  
crispação do ser humano, árvore irritada, contra a miséria e a fúria dos ditadores,  
ó Carlito, meu e nosso amigo, teus sapatos e teu bigode caminham numa estrada de pó e esperança.

